

FH transforma reunião em festa

Presidente rouba a cena no jantar de Suassuna e desconcerta oposição

Gustavo Miranda

Jorge Bastos Moreno

● BRASÍLIA. O presidente Fernando Henrique Cardoso deu um golpe nos jantares promocionais das terças-feiras do senador Ney Suassuna (PMDB-PB), presidente da Comissão de Assuntos Econômicos do Senado. Aceitou o convite para ser o conferencista da semana, mas começou por transferir o evento da casa do senador para o Palácio da Alvorada. Depois ampliou a lista de convidados sem avisar o promotor-senador. E, para o desespero da oposição, que condicionara a presença ao caráter institucional do encontro, transformou o jantar no maior acontecimento social da temporada em Brasília.

Ney Suassuna enfrentou o primeiro constrangimento logo na entrada. Chegou carregando dois presentes: um corte de tecidos de gosto duvidoso, segundo um dos convidados, para Dona Ruth Cardoso, e uma caixa de vinhos para o presidente Fernando Henrique. Justamente o vinho que Fernando Henrique detesta: Chateneuf du Pape. O presidente tem tanto horror a esse vinho que, nos restaurantes que frequenta, costuma avisar:

— Sirvam-me qualquer vinho, menos aquele de avião.

Suassuna, que convidara apenas os titulares e suplentes da Comissão, ficou lívido quando viu o presidente do Senado, Antônio Carlos Magalhães. Mais ainda quando os líderes convidados pelo presidente começaram a chegar. De repente, alguém se lembrou:

— E o Sarney?! Suassuna, você não convidou o Sarney?!

O petista José Eduardo Dutra fez terrorismo:

— Você se meteu numa encrenca sem tamanho. O Sarney vai presidir de novo o Senado e você não vai ser nem suplente da Comissão de Economia.

O presidente entrou na brincadeira:

— Eles estão certos. Eu conheço o Sarney. Ele não vai te perdoar.

Foi o momento também para Fernando Henrique aproximar-se de Dutra, ferrenho opositor no Senado.

— Fernando, você precisa conversar mais com este senador. O Dutra é um dos grandes quadros do PT e do Congresso — sugeriu o senador Roberto Freire.

— Claro que eu já ouvi falar do senhor, senador. Vamos conversar sim — concordou o presidente.

Mas o senador Dutra estava feito bi-



FERNANDO HENRIQUE passou de convidado a anfitrião: "Estou precisando de uma dose"

cho-do-mato: ressabiado e zangado porque tinha garantido ao PT que a reunião seria institucional. Ele fora acomodado na mesa principal, desalojando o presidente do PFL, senador Jorge Bornhausen. Ao lado de ACM, Dutra desdenhou do cardápio servido:

— Nós viemos aqui para comer boi ralado?

— Que é isso? Isto aqui é picadinho. É um prato chique, servido nos melhores restaurantes — rebateu ACM.

— Pois para mim é boi ralado. Lá na minha terra é boi ralado — insistiu.

Já o senador Pedro Simon, pelo contrário, elogiou o cardápio:

— Que comida, hein tchê?! Olha, eu nunca vim aqui no seu Governo, mas posso dizer que melhorou muito de uns tempos para cá.

Fernando Henrique, em voz alta, tentou constranger, de brincadeira, o convidado:

— Gente, olha aqui! O Pedro está dizendo que é a primeira vez que vem aqui. Este homem não sai daqui! Toda semana ele janta aqui! Não levem a sério os discursos desaforados que ele faz contra o Governo no Senado. Ele sai da tribuna e vem para cá.

Muitos governistas ficaram enciumados com a forma com que Roberto Freire se dirigia ao presidente. Só o chamava de "você" e de Fernando. Talvez orientado por ele, Fernando Henrique avisou, numa roda de governistas:

— Deixem eu ir ali conversar um pou-

co com o Saturnino. É importante.

E foi até a roda da oposição. Não deixou ninguém falar de política interna. Segundo um dos presentes, ele fez uma exibição do seu prestígio internacional, falando da intimidade com que trata e é tratado pelos principais chefes de governo do mundo. Tentou passar a imagem de um chefe de Estado que não se curva ao poder internacional:

— O Clinton tentou, num dos últimos encontros, nos impor a Alca (Área de Livre Comércio das Américas). Eu chamei ele num canto e fui enérgico.

No meio dos opositores, Fernando Henrique parecia um deles em termos de política externa. Mas não conseguiu escapar do seu amigo senador Eduardo Suplicy, que esperou todos irem embora para tratar com ele e com o ministro Pedro Malan de seu projeto de renda mínima. Bornhausen, aliado da mesa principal, sentou-se entre Malan e Suplicy. Chegou em casa e tomou dois comprimidos para dor de cabeça, de tanto ouvir a discussão dos dois.

O presidente só se referiu ao episódio da demissão de Elcio Álvares, ocorrida pouco antes no mesmo local, quando, na chegada dos convidados, respondeu à oferta do garçom com a seguinte insinuação:

— Estou mesmo precisando de uma dose.

Ao seu lado, o líder José Roberto Arruda não perdeu a chance:

— Só de uma mesmo?